

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLARA VERAS GUIMARÃES

**ENTRE FRALDAS E AFETOS: COMPREENDENDO O PAPEL DO EDUCADOR
NAS TROCAS DE FRALDAS E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DE BEBÊS
E CRIANÇAS PEQUENAS**

Porto Alegre

2024

Entre Fraldas e Afetos: Compreendendo o papel do educador nas trocas de fraldas e o impacto no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas

Clara Veras Guimarães*
Sônia Maria de Souza Bonelli**

RESUMO: O presente trabalho, cuja temática se situa na área da educação infantil, no desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas, tem como principal objetivo compreender como o momento da troca de fraldas e o modo como é conduzido influenciam o desenvolvimento infantil, considerando o papel dos educadores nesse processo. Para esse propósito, utilizamos uma abordagem mista, incluindo pesquisa bibliográfica e coleta de dados quantitativos e qualitativos. A análise dos dados, obtidos por meio de formulário eletrônico e revisão bibliográfica, mostrou quais os potenciais pedagógicos significativos desse momento, com impactos diretos no desenvolvimento infantil. Embora o número de participantes tenha sido relativamente significativo, o estudo revelou uma grande lacuna de conhecimento por parte dos respondentes sobre o tema, desde a formação inicial dos docentes. Os resultados destacam a importância de uma abordagem sensível com intencionalidade na troca de fraldas, que valorize o vínculo e o desenvolvimento integral da criança, promovendo habilidades socioemocionais e autonomia desde a primeira infância. Os principais teóricos que fundamentaram a pesquisa foram Bowlby (apud Ramires; Schneider, 2010), Winnicott (apud Marques Silva et al., s.d.) Soares (2017), Falk (2004), Vygotsky (apud La Taille, 1992) e Piaget (Pott, 2019).

Palavras-chave: Educação infantil; Troca de fraldas; Desenvolvimento infantil; Papel dos educadores; Potencial pedagógico.

ABSTRACT: This study, focused on the field of early childhood education and the development of infants and toddlers, aims to understand how the diaper-changing routine and its approach influence child development, considering the educators role in this process. To achieve this goal, a mixed-methods approach was employed, combining bibliographic research with the collection of both quantitative and qualitative data. Data analysis, conducted through electronic surveys and literature review, revealed significant pedagogical potentials within this routine, directly impacting child development. Despite the relatively substantial number of participants, the study identified a significant knowledge gap among respondents on this topic, starting from initial teacher training. The results emphasize the importance of a sensitive and intentional approach to diaper changing, fostering bonding and supporting holistic child development, including socio-emotional skills and autonomy, from early childhood. The main theorists who provided the foundation for the research were Bowlby (in Ramires; Schneider, 2010), Winnicott (in Marques Silva et al., n.d.), Soares (2017), Falk (2004), Vygotsky (in La Taille, 1992) and Piaget (Pott, 2019).

Keywords: Early childhood education; Diaper changing; Child development; Educators' role; Pedagogical potential.

RESUMEN: Este estudio, centrado en el ámbito de la educación infantil y el desarrollo de bebés y niños pequeños, tiene como objetivo comprender cómo la rutina del cambio de pañales y la

* Estudante do curso de pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

** Graduada em Ciências, com habilitação em Biologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1984) . Especialista em Supervisão Escolar - FAPA (1995). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - (2014). Licenciada em Pedagogia UNINTER (2021). É professora adjunta e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atua também na Educação Continuada como Assessora Pedagógica, no Núcleo Pedagógico Online.

manera en que se realiza influyen en el desarrollo infantil, considerando el papel de los educadores en este proceso. Para alcanzar este objetivo, se utilizó un enfoque mixto que combinó la investigación bibliográfica con la recopilación de datos cuantitativos y cualitativos. El análisis de los datos, obtenidos a través de encuestas electrónicas y revisión bibliográfica, reveló potenciales pedagógicos significativos en esta rutina, con impactos directos en el desarrollo infantil. A pesar del número relativamente significativo de participantes, el estudio identificó una importante falta de conocimiento entre los encuestados sobre el tema, desde la formación inicial de los docentes. Los resultados destacan la importancia de un enfoque sensible e intencionado en el cambio de pañales, que fomente el vínculo afectivo y promueva el desarrollo integral del niño, incluyendo habilidades socioemocionales y autonomía desde la primera infancia. Los principales teóricos que fundamentaron la investigación fueron Bowlby (en Ramires; Schneider, 2010), Winnicott (en Marques Silva et al., s.d.), Soares (2017), Falk (2004), Vygotsky (en La Taille, 1992) y Piaget (Pott, 2019).

Palabras clave: Educación infantil; Cambio de pañales; Desarrollo infantil; Rol de los educadores; Potencial pedagógico.

INTRODUÇÃO

A trajetória de constituição docente é marcada por experiências pessoais e profissionais que moldam o educador que está em constante desenvolvimento. No meu caso, desde cedo o vínculo com as professoras teve um papel fundamental na minha formação. A observação atenta e a proximidade com elas durante os primeiros anos escolares despertaram em mim um interesse pela prática pedagógica, sobretudo em momentos de cuidado, como a troca de fraldas, quando eu acompanhava as professoras. Ao longo dos anos, esse interesse evoluiu e, durante a graduação em Pedagogia, pude aprofundar na prática meu entendimento sobre como esses momentos são cruciais para o desenvolvimento infantil, tanto do ponto de vista emocional quanto físico.

Guiada por teóricas como Jane Nelsen (2018) e Emmi Pikler, comecei a compreender a importância de práticas que respeitem a autonomia e o corpo das crianças, valorizando o vínculo afetivo entre educador e aluno. Emmi Pikler (David; Appell, 2020) defende que os momentos de cuidado, como a troca de fraldas, são oportunidades essenciais para o desenvolvimento integral da criança. Segundo Pikler, essas interações devem ser conduzidas com atenção e respeito, promovendo a autonomia e fortalecendo o vínculo entre adulto e criança (David; Appell, 2020). Além disso, a disciplina positiva, introduzida por Jane Nelsen (2018) reforça a importância de estimular o respeito mútuo entre adultos e crianças, encorajar a autoestima e a autonomia, ensinando habilidades de vida, como empatia, responsabilidade e cooperação. Ao proporcionar um ambiente seguro e acolhedor, a Disciplina Positiva visa fortalecer o senso de pertencimento e conexão emocional.

A vivência prática durante toda a graduação em escolas infantis de Porto Alegre evidenciou, no entanto, que muitas vezes esses momentos de cuidado acabam sendo vistos como secundários, realizados de forma rápida e sem muita atenção. Observando essa realidade, o presente trabalho questiona como a troca de fraldas, que envolve o corpo e o conforto físico e emocional da criança, pode impactar diretamente no seu desenvolvimento. Além disso, é essencial investigar a percepção e papel dos educadores sobre esse momento, pois suas atitudes e abordagens podem ter um impacto significativo na experiência da criança e, conseqüentemente, em seu desenvolvimento. É uma oportunidade de unir teoria e prática, buscando compreender se as práticas adotadas atualmente, estão alinhadas com princípios que priorizam o

respeito, vínculo e tempo adequado para o cuidado com os bebês e crianças pequenas. Nesse sentido, tenho como objetivo compreender como o momento da troca de fraldas e o modo como é conduzida influencia o desenvolvimento infantil, considerando o papel dos educadores nesse processo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As teorias do desenvolvimento infantil fornecem uma base essencial para entender como bebês e crianças bem pequenas crescem e se desenvolvem em diferentes perspectivas. Este período crítico do desenvolvimento, que abrange desde o nascimento até cerca de seis anos de idade, é marcado por mudanças rápidas e significativas em várias áreas, incluindo a cognição, a linguagem, a motricidade e as emoções. Entretanto com o objetivo de compreender como essas teorias impactam no momento de troca de fraldas no presente trabalho iremos analisar até a faixa etária de 3 anos.

Jean Piaget, um dos principais teóricos do desenvolvimento cognitivo, descreveu o estágio sensório-motor como o primeiro período do desenvolvimento, que ocorre do nascimento até aproximadamente dois anos de idade (Pott, 2019). Durante este estágio, os bebês exploram o mundo através de seus sentidos e ações motoras. Eles começam a entender a permanência do objeto, o que significa que os objetos continuam a existir mesmo quando não estão visíveis. Este conceito é crucial para o desenvolvimento cognitivo, pois representa uma forma inicial de raciocínio e memória que, segundo La Taille (1992), indica o desenvolvimento da inteligência na criança e antecede o desenvolvimento da fala. Ainda nesse sentido, este estágio também é caracterizado pela inteligência prática, uma vez que a criança conhece o mundo por sua percepção e ação. Potti (2019) traz em seu artigo que:

[...] a percepção significa apreender o mundo pelos órgãos sensoriais, por isso este estágio é chamado de “sensório”. A ação significa conhecer o mundo por meio de movimentos no espaço e tempo, por isso este estágio também é denominado de “motor”. Portanto, o estágio sensório-motor significa que a criança se utiliza de seus órgãos sensoriais e de seu recurso motor para compreender e acessar a realidade (Potti, 2019, p. 78).

Assim, é possível perceber o quanto a troca de fraldas pode influenciar nesse estágio, afinal é um momento de cuidado o qual pode proporcionar a criança conhecer seu corpo pela percepção e movimento.

Lev Vygotsky, por outro lado, destacou a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo. Ele introduziu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que é a diferença entre o que uma criança pode fazer sozinha e o que pode fazer com ajuda (La Taille, 1992). Para bebês e crianças pequenas, a ZDP é especialmente relevante, pois muitos de seus aprendizados ocorrem através da imitação e do apoio de cuidadores mais experientes. O pensamento nasce das necessidades, motivos e afetos do sujeito, constituídos nas relações sociais (Pott, 2019). As interações verbais e não-verbais com adultos e outras crianças desempenham um papel crucial no desenvolvimento da linguagem e de outras habilidades cognitivas.

Erik Erikson propôs a teoria do desenvolvimento psicossocial, que enfatiza a importância dos primeiros anos de vida na formação da personalidade. Nos estágios iniciais de confiança versus desconfiança (do nascimento até um ano) e autonomia versus vergonha e dúvida (de um a três anos), as experiências de cuidado são fundamentais (Leite; Silva, 2019). Durante o primeiro estágio, a consistência, a previsibilidade e o carinho dos cuidadores ajudam a desenvolver um senso de confiança básico no bebê. No segundo estágio, a oportunidade de explorar e realizar tarefas simples por si mesmo, com encorajamento e sem crítica excessiva, promove a autonomia e a confiança nas próprias habilidades (Leite; Silva, 2019).

John Bowlby, através de sua teoria do apego, sublinhou a importância dos vínculos emocionais entre os bebês e seus cuidadores. Ele argumentou que um apego seguro, formado através de interações consistentes e responsivas, é essencial para o desenvolvimento emocional e social saudável. Estes estilos de apego refletem as respostas dos bebês às separações e reencontros com seus cuidadores, oferecendo *insights* sobre a qualidade da relação de apego (Ramires; Schneider, 2010).

Os cuidados diários, como a troca de fraldas, alimentação e momentos de brincadeira, são oportunidades essenciais para aplicar essas teorias na prática. Durante a troca de fraldas, por exemplo, os cuidadores podem estabelecer um contato visual, conversar com o bebê e responder às suas vocalizações, promovendo o desenvolvimento da linguagem e o vínculo emocional. Além de narrar o que está sendo feito trazendo a possibilidade de previsibilidade ao bebê do que vai ser feito no seu corpo. É possível, aos poucos, ir encorajando a autonomia e colaboração do bebê, se tornando ativo na troca de sua fralda, o que pode ser feito permitindo que a criança tente segurar a fralda ou lenço e ajude no momento de tirar a sua roupa.

Portanto, a compreensão dessas teorias e sua aplicação prática nos cuidados diários são fundamentais para apoiar o desenvolvimento saudável de bebês e crianças pequenas. Elas fornecem uma base teórica sólida para a elaboração de propostas de intervenção e práticas pedagógicas que respeitem e promovam o desenvolvimento integral das crianças.

Cabe ressaltar, também, a importância do desenvolvimento socioemocional durante as trocas de fraldas, uma vez que está diretamente ligado à capacidade das crianças de compreender e gerenciar suas emoções, estabelecer relacionamentos positivos e tomar decisões responsáveis. Este aspecto do desenvolvimento é crucial para o bem-estar geral das crianças e influencia significativamente seu sucesso em várias áreas da vida.

Donald Winnicott, renomado pediatra e psicanalista, introduziu conceitos fundamentais que ajudam a entender o desenvolvimento socioemocional infantil. Um de seus principais conceitos é o de "ambiente suficientemente bom", que se refere a um ambiente onde as necessidades emocionais e físicas do bebê são atendidas de maneira consistente e empática (Marques Silva *et al.*, [s.d.]). Winnicott também destacou a importância do "holding", que é a capacidade da mãe ou do cuidador de sustentar emocionalmente o bebê, proporcionando segurança e conforto. Esse suporte emocional permite que a criança explore o mundo com confiança, sabendo que pode retornar a um porto seguro (Marques Silva *et al.*, [s.d.]).

Outro conceito importante de Winnicott é o do "espaço potencial", que é o espaço entre a realidade interna e externa onde ocorrem as experiências criativas e de brincadeira (Serralha, 2019). Este espaço é crucial para o desenvolvimento da individualidade e da capacidade de formar relacionamentos saudáveis. Através da brincadeira, as crianças expressam e elaboram suas emoções, o que é essencial para o desenvolvimento socioemocional.

Jane Nelsen (2018), autora da disciplina positiva, enfatiza a importância de educar as crianças com gentileza e firmeza simultaneamente. A disciplina positiva baseia-se na ideia de que as crianças precisam de amor e limites claros para desenvolver um senso de responsabilidade, respeito e habilidades sociais (Nelsen, 2018). Segundo Nelsen, as práticas dos cuidadores que envolvem a conexão emocional, a comunicação eficaz e o encorajamento ajudam as crianças a desenvolverem a autoestima e a autoconfiança. Nelsen argumenta que a construção de uma conexão emocional forte entre adulto e crianças é fundamental para o desenvolvimento socioemocional. Esta conexão é estabelecida através de interações diárias que envolvem respeito mútuo e empatia.

A interação entre esses conceitos teóricos e as práticas de cuidado diário é fundamental para promover o desenvolvimento socioemocional dos bebês e crianças bem pequenas. Além de investir num “ambiente suficientemente bom” no momento da troca de fraldas, pode ser uma oportunidade para a criança se sentir segura, respeitada e valorizada.

Assim, as práticas de disciplina positiva podem ser integradas nas rotinas diárias para ajudar as crianças a desenvolverem habilidades socioemocionais. Encorajar a autonomia da criança em pequenas atividades diárias, como vestir-se ou escolher brinquedos, dentro de limites seguros, promove um senso de competência e confiança. Por exemplo, no momento da troca de fraldas escolher como vai subir no trocador e qual lado vai se deitar, se quer trocar em pé ou deitado, entre outras escolhas que são possíveis de serem feitas conforme o espaço e faixa etária. Essas escolhas vão ao encontro das teorias de Winnicott e promovem conexão emocional, oportunidade de descobrir seu corpo e se empoderar dele além de outras habilidades de vida.

2.2 ABORDAGEM PIKLERIANA

A abordagem Pikleriana, desenvolvida pela pediatra húngara Emmi Pikler, revolucionou a maneira como educadores e cuidadores compreendem o desenvolvimento infantil. Ela propôs uma forma de cuidado baseada no respeito à individualidade e ao ritmo próprio da criança, enfatizando o vínculo afetivo e a autonomia. O Instituto Lóczy, em Budapeste, foi o centro de desenvolvimento e aplicação dessa abordagem, sendo amplamente estudado por profissionais como Myriam David e Geneviève Appell, que documentaram suas práticas no livro *Maternagem Insólita*, de 2020.

2.2.1 Princípios da Abordagem Pikleriana

Os princípios fundamentais da abordagem Pikleriana podem ser resumidos em três grandes eixos: o respeito à individualidade da criança, a valorização do vínculo afetivo e o estímulo à autonomia.

Sobre o respeito à Individualidade, Pikler argumentava que cada criança tem seu próprio ritmo de desenvolvimento e, por isso, é essencial que educadores e cuidadores não acelerem ou forcem etapas, como o controle dos movimentos. Para Pikler, a criança deve ser livre para explorar o ambiente e seu corpo, sem intervenções externas que comprometam essa descoberta natural. Durante a troca de fraldas, isso significa permitir que o bebê participe ativamente do processo, dando tempo e espaço para que se sinta seguro e confortável. No Instituto Lóczy, esse princípio foi aplicado

de maneira prática ao envolver a criança no cuidado de seu próprio corpo, respeitando seus sinais e ritmos (David; Appell, 2020).

O estabelecimento de um vínculo seguro entre o educador e a criança é central na abordagem Pikleriana. No Instituto Lóczy as trocas de fraldas, a alimentação e outros momentos de cuidado eram oportunidades para criar laços de confiança e segurança emocional, fundamentais para o desenvolvimento infantil saudável.

Por fim, o estímulo à Autonomia, a abordagem visa a promoção da autonomia desde cedo. Em vez de fazer tudo pela criança, o educador deve permitir que ela participe ativamente de atividades cotidianas, como se vestir ou se alimentar, de acordo com suas capacidades. Falk (2004) reforça que esse processo é essencial, mesmo em pequenas ações, para que a criança desenvolva autoconfiança e independência, habilidades cruciais para sua vida futura. Durante a troca de fraldas, esse princípio se manifesta ao permitir que a criança participe do processo de forma ativa, como por exemplo, segurando a fralda ou se movimentando conforme suas capacidades.

2.2.2 Impactos da abordagem pikleriana no desenvolvimento infantil

Os principais impactos positivos da abordagem no desenvolvimento infantil são especialmente significativos, principalmente no que se refere ao desenvolvimento emocional, físico e social.

No âmbito do desenvolvimento emocional, de acordo com Pikler (David; Appell, 2020), a criação de um ambiente de respeito e confiança promove uma base emocional segura. Crianças que são cuidadas em um ambiente onde suas necessidades são atendidas de forma sensível e respeitosa tendem a desenvolver maior autoestima, segurança emocional e capacidade de lidar com frustrações. O respeito e o cuidado oferecidos durante a troca de fraldas reforçam o senso de segurança emocional da criança. Quando o cuidador utiliza esse momento para criar um vínculo positivo e respeitoso, a criança desenvolve um maior senso de autoestima e confiança, aspectos fundamentais para seu bem-estar emocional (David; Appell, 2020). Além disso, ao permitir que a criança se movimente livremente durante a troca de fraldas, seguindo o princípio de autonomia, a abordagem Pikleriana incentiva o desenvolvimento motor de forma natural.

No que se refere ao desenvolvimento físico e motor, é possível afirmar que o estímulo ao movimento livre, como defendido por Pikler, (David; Appell, 2020) permite que as crianças descubram e aprimorem suas habilidades motoras no seu próprio ritmo. Como destaca Falk (2004) em *Educar os Três Primeiros Anos*, a liberdade de explorar o ambiente sem intervenções excessivas auxilia no desenvolvimento motor equilibrado e natural.

Finalmente, no que tange ao desenvolvimento social e cognitivo, segundo David e Appell (2020), a ênfase no vínculo e na autonomia durante momentos de cuidado cotidiano, como a troca de fraldas e a alimentação, cria um espaço para interações sociais significativas. Nessas interações, a criança aprende a se comunicar, a colaborar e a entender os outros, o que é essencial para seu desenvolvimento social e cognitivo. Ao estabelecer uma comunicação afetuosa e respeitosa, o cuidador ensina à criança importantes habilidades de vida, como o respeito mútuo e a cooperação.

2.3 TROCA DE FRALDAS

Quando observamos a perspectiva histórica do surgimento das creches no Brasil é notória a dicotomia entre o cuidar e o educar presente no atendimento à criança pequena. As creches surgiram inicialmente para atender às necessidades de famílias trabalhadoras, oferecendo serviços básicos de cuidado enquanto os pais trabalhavam. Com o tempo, elas passaram a incorporar objetivos educacionais mais amplos, refletindo uma mudança no papel das creches na sociedade e no desenvolvimento infantil (Freitas *et al.*, 2008). Segundo Poli (2016), o atendimento à primeira infância adotou um caráter compensatório, suprimindo carências educacionais, sociais e nutricionais. Embora a lei atual garanta o direito ao cuidado e à educação desde o nascimento, muitas escolas ainda mantêm práticas assistencialistas devido a hábitos históricos.

Entretanto, o cuidado na perspectiva mais assistencialista diminui a potência no desenvolvimento infantil que ele pode ter. Além disso, em muitas escolas o foco é nos aspectos cognitivos, consequentemente investindo pouco em formações e recursos para as trocas de fraldas, desvalorizando os cuidados como ato pedagógico. Nessa direção, durante a intimidade da troca de fraldas ocorre uma construção silenciosa do ego da criança, silenciosa porque não dará sinais de seu futuro a menos que algo dê errado. No trocador, portanto, não há apenas um desabotoamento das roupas, mas também um lento desabotoamento da psique das crianças (Martinez, 2014). Judit Falk, que também estuda a abordagem Pikler (*apud* Recktenvald, 2024, s. p.) afirma que:

[...] a saúde mental de uma pessoa se constrói a partir da qualidade dos cuidados recebidos ao longo de sua primeira infância. Se foram suficientemente bons, nem sequer nos damos conta. Se, em troca, não são apropriados, se as coisas não vão bem, a pessoa sente-se mal. Não sentirá a falta de cuidados de qualidade de sua infância, sentirá o mal-estar resultante.

Em seu estudo, Pena (2015) aborda a prática de segmentar as funções entre professores e auxiliares. Para o autor, tarefas de cuidado básico, as quais muitas vezes são delegadas a educadores que ainda não terminaram sua formação em Pedagogia, indicam uma desvalorização das atividades de cuidado em detrimento das educacionais. Pena (2015) discute como essa divisão impacta níveis de integração entre cuidado e educação, apontando a necessidade de uma formação que capacite todos os profissionais envolvidos a compreender e implementar práticas de cuidado que são, por sua natureza, também educativas e pouco estudadas na graduação.

2.4 PAPEL DA TROCA DE FRALDAS NA ROTINA DO BEBÊ

As práticas cotidianas, quando realizadas com intencionalidade educativa, têm o potencial de influenciar positivamente vários aspectos do desenvolvimento infantil (Gabriel, 2016). Pikler, em seus estudos e vivências, observou o quanto, desde o nascimento, os momentos de cuidado são oportunidades de conhecer seu próprio corpo, desenvolver a linguagem e estabelecer vínculo com o adulto. Quando o ambiente é apropriado e seguro, ele auxilia a desenvolver a autonomia e, conforme o bebê for crescendo, vai poder colaborar e fazer escolhas dentro das possibilidades seguras.

A criança aprende sobre seu corpo principalmente por meio de dois grupos de ações: o que ela faz com seu corpo e o que é feito com seu corpo (Falk, 2006). Esta é a importância de repensarmos como estamos fazendo nos momentos de cuidado, se estão realmente proporcionando segurança física e emocional à criança (Martinez, 2014). Além disso, como observado, o desenvolvimento emocional e psíquico é fortalecido e potencializado, como abordam os teóricos citados anteriormente. A rotina para os bebês e crianças pequenas é de extrema importância, assim como a previsibilidade do que vai acontecer. Para Soares (2017):

[...] as atividades compartilhadas durante os cuidados cotidianos são percebidas pelo bebê como ações que se repetem e, com o tempo, passam a ser previsíveis. Se o adulto nomeia o que está sendo feito e antecipa o que acontecerá em seguida, facilita o início da construção de imagens em sua mente - as primeiras representações mentais -, base do pensamento. As codificações e decodificações de sinais e gestos antecipadores se transformarão, mais tarde, na linguagem verbal (Soares, 2017, p. 22).

Para além disso, o cuidado com a higiene e um espaço adequado possibilita deixar o bebê confortável para dar continuidade às suas explorações. Sob a perspectiva da abordagem Pikleriana, as trocas de fraldas devem ser vistas como interações que promovem a comunicação, a resposta e a participação ativa da criança. Estes momentos são fundamentais para fortalecer a motivação interna da criança na participação ativa de seu cuidado, a qual é reforçada pela satisfação com os resultados obtidos (David; Appell, 2013). Isto é vital para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança (Gabriel, 2016).

2.4 TROCA DE FRALDAS PAPEL DOS EDUCADORES

Os educadores, por mais que não sejam os protagonistas desse momento, são essenciais para que ele ocorra da maneira mais potencializada possível. Como é dito por Gabriel (2016):

(...) com relação às atividades de cuidado, é essencial que elas tenham significado para o bebê [...], uma educadora precisa contar com a iniciativa do bebê em fazê-lo, por exemplo, falando com ele e aguardando sua resposta. [...] Para que este princípio seja respeitado, as educadoras precisam, em primeiro lugar, confiar na capacidade de desenvolvimento dos bebês ao não apressar a aquisição de habilidades, e, a partir disso, criar as condições materiais e afetivas para garantir a atividade livre, sem intervir diretamente nos seus movimentos e brincadeiras (Gabriel, 2016, p. 13).

Gabriel (2016) acrescenta como o cuidado em várias instituições é norteador da rotina na escola, ajudando a manter a ordem e a organização. Nesse sentido, as ações de cuidado são realizadas de acordo com essa rotina, em um espaço e tempo limitados. Ter um local e horário definido para ocorrerem atividades como alimentação, higiene e descanso, escolhidos muitas vezes pelos adultos, faz com que as crianças acabem ficando passivas dentro desse ritual diário de cuidados. Assim, o cuidar pode se tornar um ato automático e mecânico, se perdendo a oportunidade de estabelecer uma interação com a criança (Vitta; Emmel, 2004). Desse modo, estruturar a rotina deixa a escola muito distante de conseguir atender às necessidades infantis e, com isso, promover o desenvolvimento integral de bebês e crianças (Lordelo, 1998). Tal

fato se deve, entre outros fatores, a uma relação imprecisa entre atividades de cuidado e de educação, que se reflete na fala e na prática das educadoras (Vitta; Emmel, 2004). Sob a perspectiva pikleriana, Soares (2017) afirma que:

Para que o sentimento de segurança do bebê seja favorecido deve haver regularidade de tempo e espaço e as tarefas do cuidar precisam ser realizadas com atenção e dedicação, nunca de forma mecânica ou apressada. O educador tem que dispor de tempo suficiente para que o bebê aproveite bem a experiência, desfrutando de cada gesto de cuidado que receber (Soares, 2017, p. 22).

Pikler (David; Appell, 2020) tinha como objetivo garantir a saúde física e psíquica em bebês e crianças pequenas. Nesse sentido, observou que para alcançar isso era necessário criar um apego seguro. Ela viu que dar cuidados respeitosos e individuais durante os momentos de cuidados corporais era uma das principais ferramentas para alcançar seu objetivo (Marlen, 2DC). Assim, pensando na troca de fraldas, é sugerido construir uma coreografia de gestos, sempre iguais, que cuidam e protegem o bebê de quaisquer sensações desagradáveis advindas da interação com o adulto. “A ansiedade mais antiga é aquela associada ao sentimento de insegurança” (Winnicott, 1952 apud Winnicott, 2000, p.136). Essas ações possibilitam ao bebê a antecipação do que irá acontecer, ou seja, essa forma respeitosa coloca o bebê de forma ativa nesse processo de cuidados diários e possibilita que ele contribua com as trocas de forma efetiva. O cuidador está atento a todas as dicas da criança e a atividade se torna uma dança. O cuidador é sempre o líder dessa dança, guiando, permitindo a conversa, adaptando-se à criança, mas sempre voltando à tarefa de trocar fraldas (Martinez, 2014).

Desse modo, é suposto que para tudo isso acontecer é necessário um tempo; entretanto, o educador não dispõe no seu cotidiano desse tempo, o cuidado é breve, seguido de ordem constante, estabelecida o mais rápida possível, desde seus primeiros meses (David; Appell, 2020).

A interação deve ser cuidadosa e consciente, prezando o olho no olho tom de voz suave, as mãos devem se movimentar compatível ao ritmo do bebê, considerando que ele é o protagonista (Falk, 2004). O educador desempenha um papel fundamental, estimulando desde cedo a participação ativa da criança nos cuidados diários. Ela deve ser convidada a participar de cada etapa e nada é realizado sem o consentimento da criança, até mesmo aos bebês mais novos. Um cuidador totalmente presente e envolvido com a criança, como sabemos pela teoria do apego, é crucial para criar confiança (Martinez, 2014). A partir de poucos meses de vida, ele pode pedir a colaboração da criança em ações simples, como levantar o braço para vestir uma camiseta, aproveitando movimentos espontâneos e verbalizando a ação ao mesmo tempo. Essa interação, além de criar um vínculo entre educador e criança, contribui para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, que começa a entender a relação entre seus gestos e a linguagem (Soares, 2017).

Ao longo do crescimento, a criança vai adquirindo maior consciência de suas ações e seu papel nos momentos de cuidado, especialmente quando seu envolvimento é reconhecido e valorizado. Além disso, a apresentação de objetos como lenço umedecido, algodão e outros itens usados nos cuidados, acompanhada de explicações e incentivo para que a criança os toque e explore, facilita a autonomia em seu uso futuro.

Esse processo, também, contribui para a construção do esquema corporal da criança, à medida que ela vai se familiarizando com as partes do seu corpo e sua

posição no espaço. Emmi Pikler, diz que essa prática é essencial para o desenvolvimento das habilidades motoras e para a formação de uma autopercepção saudável e integrada da criança. Além disso, o educador está tocando em um corpo e não em um objeto, é preciso pensar que é uma pessoa que tem uma influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações. Para Falk:

Em relação ao contato físico, não se considera-se o cuidado como simples procedimento técnico que significa a satisfação das necessidades fisiológicas da criança e que nessa idade está junto com as necessidades psíquicas. Em outras palavras, evitaríamos muitos problemas se, desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação (Falk, 2004, p. 40).

Além disso, Rodrigues Thamisa e Tristão (2004) enfatizam que essas práticas cotidianas, se mal-conduzidas, podem perpetuar a dependência, enquanto uma abordagem cuidadosa e humanizadora pode promover a emancipação e o desenvolvimento humano. Assim, é fundamental que o vínculo estabelecido entre a criança e o educador seja baseado em confiança e segurança afetiva. Um ambiente em que a criança se sente ouvida e respeitada em suas necessidades acarreta um sujeito seguro de si, pois teve suas necessidades atendidas (Soares, 2017).

Nesse sentido, o educador tem o papel de alinhar suas atitudes e palavras de forma coerente com seus sentimentos, garantindo autenticidade nas interações. A comunicação com a criança vai além da linguagem verbal, envolvendo também o tom de voz, gestos, expressões faciais e postura corporal. A harmonia entre esses elementos cria um espaço de confiança, essencial para que a criança desenvolva autoconfiança e habilidades de interação. Esse alinhamento entre o que o educador diz e manifesta é vital para que a criança possa explorar seu potencial expressivo e construir relacionamentos interpessoais de forma saudável (Soares, 2017). Assim, o vínculo afetivo não é apenas uma base para o desenvolvimento emocional da criança, mas também para o seu crescimento cognitivo e social. A coerência nas atitudes e palavras do educador serve como um alicerce seguro para que a criança se sinta valorizada e preparada para enfrentar o mundo de maneira autônoma e confiante. Dessa forma, o papel do educador vai além do simples cuidado, ele é fundamental na formação de um ser humano que pode se expressar plenamente e construir relações de qualidade.

3 METODOLOGIA

No presente artigo foi utilizada uma proposta metodológica combinando as abordagens qualitativas e quantitativas. A pesquisa qualitativa, conforme Gil (2021), busca compreender fenômenos a partir de experiências e percepções profundas e subjetivas. Já a pesquisa quantitativa, também de acordo com Gil (2021), permite a mensuração e análise estatística descritiva de dados. A escolha pela abordagem mista se justifica pela natureza do tema, integrar diferentes métodos é essencial para uma compreensão mais ampla do que almejo analisar. A pesquisa bibliográfica forneceu uma base teórica sólida e apontou lacunas na literatura, enquanto os dados empíricos coletados diretamente de profissionais da educação infantil oferecem uma perspectiva prática e contextualizada.

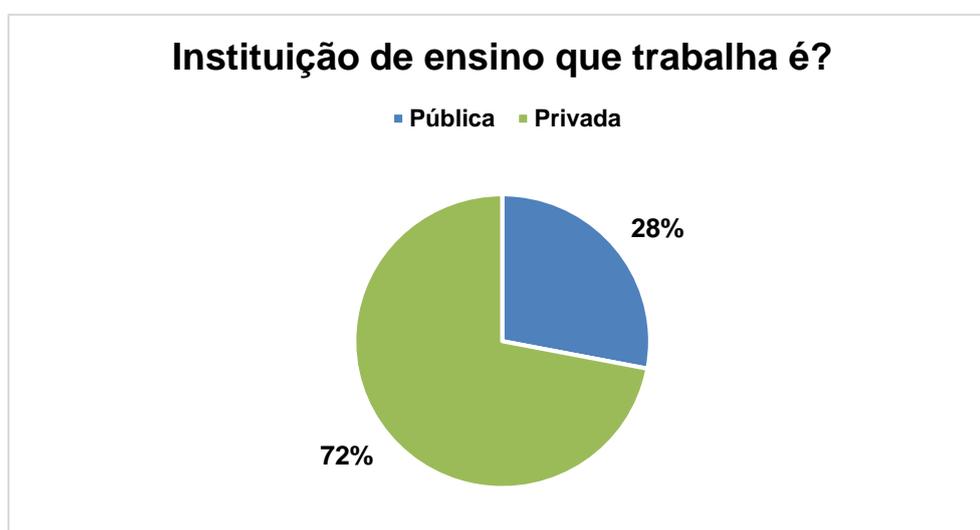
Para a coleta dos dados utilizamos um questionário no Google Forms com questões abertas e fechadas. O formulário foi divulgado nas redes sociais e obteve

um retorno de 74 respondentes, sendo 72% de professores de escolas privadas e 28% de escolas públicas. Entre eles 28% estudou pelo menos um pouco sobre a troca de fraldas na graduação, enquanto 72% indicaram que não receberam formação alguma sobre troca de fraldas durante a graduação. Com o objetivo de preservar a privacidade e o anonimato das participantes desta pesquisa, optou-se por não identificar nominalmente as respondentes. Assim, os depoimentos foram codificados e referenciado por letras maiúsculas, como 'Respondente A', 'Respondente B' e assim sucessivamente, garantindo a confidencialidade das informações pessoais e mantendo o foco apenas no conteúdo das respostas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como mencionado acima, os questionários foram enviados pela internet, por meio do Google Forms. A partir deles, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 1.

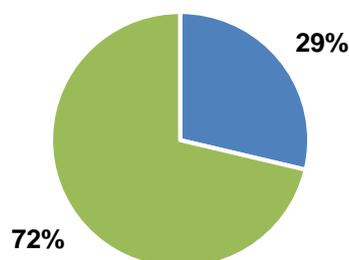


Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

Questão 2.

Estudou sobre troca de fraldas durante a graduação?

■ Sim ■ Não



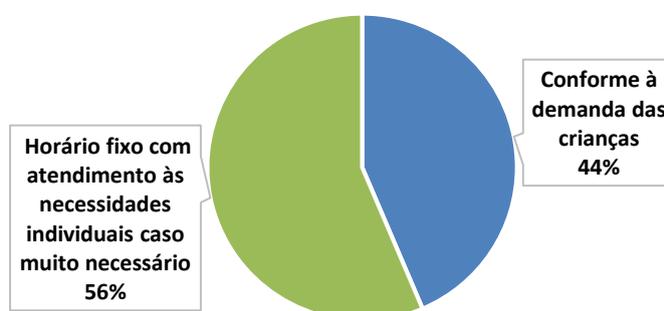
Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

O resultado do Gráfico 2 mostra que assim como Pena (2015) debate em sua tese, a ausência do estudo sobre a troca de fraldas na formação inicial reforça a divisão entre os campos do cuidar e do educar, aspectos que na verdade são entrelaçados para garantir um desenvolvimento infantil integral. Pena (2015) reflete que a falta de investimentos na formação docente acarreta uma lacuna não apenas acadêmica, mas, também, prática, que impacta diretamente a qualidade do atendimento oferecido às crianças nas escolas. Martinez (2014) também reforça que a troca de fraldas não é apenas um ato de higiene, trata-se de um momento repleto de potencialidades assim como outras atividades pedagógicas.

Em relação à questão 3, obtivemos o seguinte resultados:

Gráfico 3.

Qual o tempo destinado a troca de fraldas em seu planejamento/cotidiano?



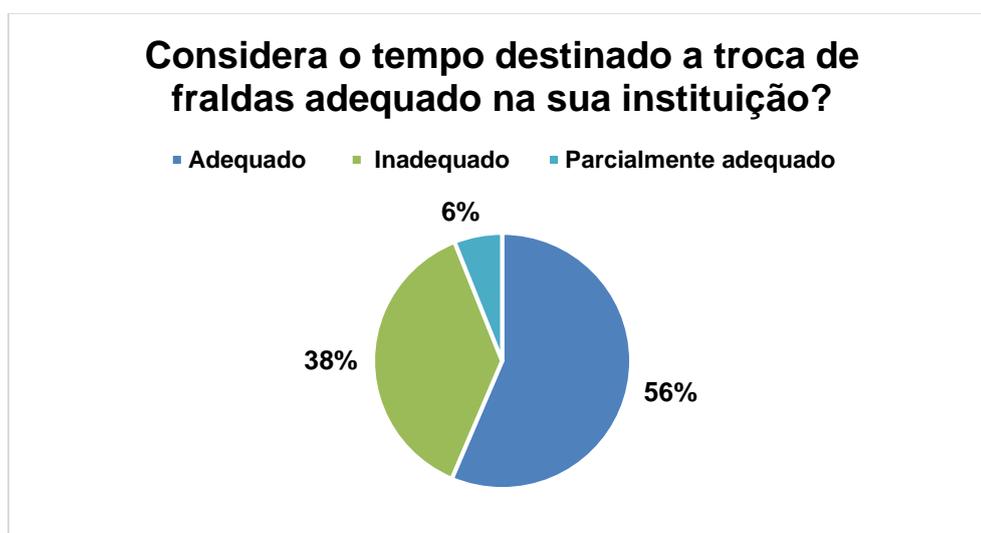
Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

Como visto no gráfico acima, 44% dos respondentes realizam a troca de fraldas conforme a demanda das crianças, enquanto 56% possuem um horário fixo com atendimento às necessidades individuais caso muito necessário. Sobre essa questão,

Soares (2017, s. p.) destaca que “o educador tem que dispor de tempo suficiente para que o bebê aproveite bem a experiência, desfrutando de cada gesto de cuidado que receber”. Ou seja, importante serão a presença e as ações dos educadores durante o tempo que estiverem realizando a coreografia dos cuidados, como é falado na abordagem Pikler. Judit Falk (2004) ressalta que o cuidado pode ser breve, mas a interação deve ser cuidadosa e consciente, prezando o olho no olho, tom de voz suave são as mãos, que devem se movimentar de maneira compatível ao ritmo do bebê, considerando que ele é o protagonista.

Com relação à questão 4, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 4.



Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

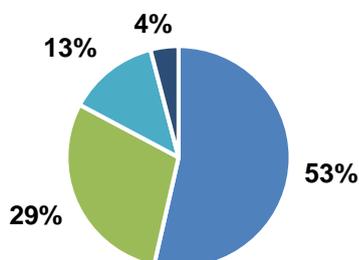
Sobre se as professoras consideram o tempo disponível adequado para a troca de fraldas, 56% avaliaram como adequado, destacando a liberdade para adaptar a rotina conforme a necessidade de cada criança, enquanto 38% avalia o tempo como inadequado, mencionando sobrecarga de tarefas e falta de apoio, o que aparece na fala da Respondente A “*Não é adequado. Sentimos falta de apoio. A velha frase “bebê chora mesmo” [.....] Tentamos a todo custo uma troca respeitosa desde o convite ao bebê para olharmos sua fralda, mas falta apoio para acolher os demais bebês, incluindo bebês que se encontram em acolhida inicial.*”, Respondente B “*Não, acredito que 30 min na primeira troca é pouco, muita das vezes nem na tempo*”.

Além disso, outra parcela considera parcialmente adequado, pois precisa competir com outras atividades, como diz a Respondente C “*Por vezes era feita de maneira rápida para dar conta das atividades da rotina*”. Os resultados corroboram a tese de Gabriel (2016), que aponta como, em muitas instituições, os momentos de cuidado são organizados de forma rígida, com horários definidos, o que torna as crianças passivas nesse processo. De maneira semelhante, Vitta e Emmel (2004) criticam o caráter mecânico que a troca de fraldas assume nessas rotinas, bem como a falta de reconhecimento do potencial pedagógico desse momento como falado anteriormente. Já em relação à questão 5, geramos o seguinte gráfico:

Gráfico 5.

Quem é responsável pela troca de fraldas das crianças na sua instituição de ensino?

- Auxiliar e professora
- Auxiliares
- Qualquer educador que estiver presente
- Professora titular



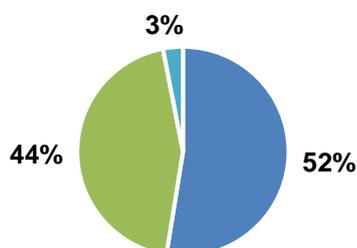
Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

Em relação a quem realiza a troca de fraldas, 53,3% dos profissionais indicaram que a atividade é compartilhada entre auxiliares e professores, 29,3% apontaram que fica a cargo dos auxiliares, 13,3% atribuíram a responsabilidade a qualquer pessoa presente e 4% responderam que são exclusivamente os professores que realizam as trocas. A importância de quem realiza a troca de fraldas está diretamente relacionada ao vínculo e segurança entre o educador e a criança. Bolwby (*apud* Ramires; Schneider, 2010) ao discutir sobre a teoria do apego, destaca que o cuidador totalmente presente e envolvido com a criança, como sabemos pela teoria, é crucial para criar confiança (Martinez, 2014). O vínculo é um dos princípios fundamentais da abordagem Pilker, como traz Soares (2017), ele é a base para garantir a saúde física e psíquica em bebês e crianças pequenas.

Gráfico 6.

Considera o espaço físico destinado a troca de fraldas adequado na sua instituição?

- Adequado
- Inadequado
- Adequado mas sugerem melhorias



Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

No que diz respeito à adequação do espaço físico para a troca de fraldas, 52% dos participantes consideram o espaço adequado, já 44% o classificam como inadequado, como coloca a Respondente D “é ruim. Não temos água para

higienizarmos as mãos, mas tornamos o espaço mais aconchegante e convidativo. Acima tem prateleira com folhagens pendentes, embaixo das prateleiras espelhos e ao fundo do colchão tb, para que olhemos para o grupo que fica em nossas costas. Temos organizadores com álcool e água em um borrifador, papéis higiênicos e pequenos paninhos para higiene do local após a jornada matutina. A cada troca higienizamos o pequeno colchonete. Sentimos falta de nossa banheira funcionar e da água!”. Respondente E “Não, é um local de passagem, exposto e junto com a enfermaria”.

Assim, os problemas apresentados, como falta de privacidade, higiene e recursos, acabam impactando diretamente a qualidade do espaço e, conseqüentemente, a potencialidade pedagógica do momento. O conceito de Winnicott (*apud Marques Silva et al., s.d.*) sobre um "ambiente suficientemente bom" ressalta a importância de atender e sustentar tanto às necessidades físicas quanto emocionais do bebê. Por fim, 4% dos participantes considera o espaço adequado, mas sugere melhorias, como mencionado pela Respondente F: “É adequado, mas poderia ser melhor preparado para promover a autonomia das crianças.”

Gráfico 7.

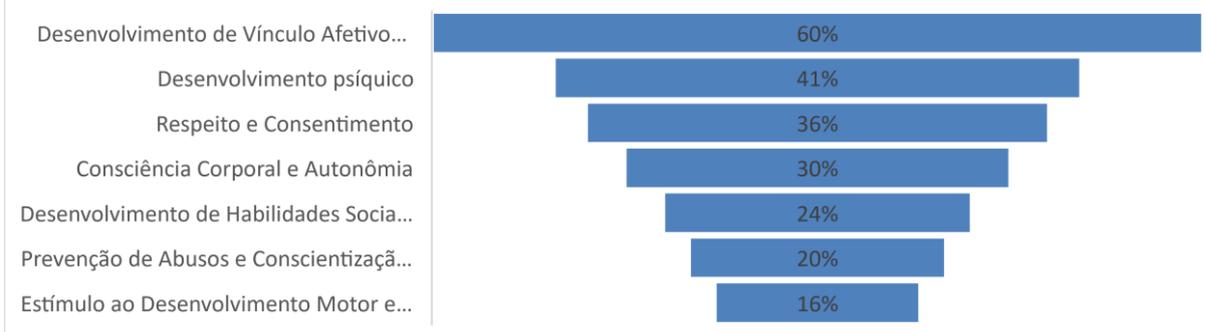


Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

O resultado do gráfico da questão 7, mostra que apenas 1 dos 74 respondentes não acredita que o momento da troca de fraldas não tem nenhuma influência no desenvolvimento. Além disso, ele é complementar do Gráfico 8, no qual se faz possível entender mais especificamente como os respondentes acreditam que existe influência significativa.

Gráfico 8.

Você acredita que a forma como a troca de fraldas é conduzida pode influenciar o desenvolvimento das crianças?



Fonte: O gráfico é de nossa autoria.

Em relação à forma como a troca de fraldas impacta o desenvolvimento, dos resultados obtidos se sobressaíram 7 aspectos, sendo eles: Desenvolvimento de Vínculo Afetivo e Confiança, Desenvolvimento psíquico, Respeito e Consentimento, Consciência Corporal e Autonomia, Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Comunicação, Prevenção de Abusos e Conscientização sobre o Corpo e Estímulo ao Desenvolvimento Motor e Sensorial

Soares (2017) e Judit Falk (2004), como discutido anteriormente, destacam os benefícios desse momento e as possíveis consequências a longo prazo quando ele não é conduzido de forma adequada; alinhando-se às respostas dos participantes, que apontam, Respondente F *“Positivamente, com um olhar sensível e calmo nesse momento tão importante, ou negativamente, se for algo mecânico e sem acolhimento algum.”* Respondente G: *“A troca de fraldas é um momento de vínculo individual entre a criança e a educadora. Esse vínculo está relacionado à forma como a educadora toca o corpo da criança e a envolve no cuidado com o próprio corpo. A criança precisa ser estimulada a participar ativamente desse momento de troca.”*

Além disso, 41% destacaram a influência da troca de fraldas no desenvolvimento psíquico, como relata a Respondente H: *“É um momento que vai muito além do biológico, tratando-se de um cuidado que influencia na constituição psíquica da criança.”* Esses depoimentos encontram respaldos em diversas teorias do desenvolvimento infantil. Piaget, citado por (Pott, 2019), por exemplo, afirma que no estágio sensório-motor a criança conhece o mundo através de sua percepção e ação, enquanto Vygotsky citado por (La Taille, 1992), com o conceito de zona de desenvolvimento proximal, destaca que bebês e crianças pequenas aprendem por imitação e pelo apoio de cuidadores mais experientes. Bowlby, citado por (Ramires; Schneider, 2010), por sua vez, destaca que o apego seguro, formado por meio de interações consistentes e responsivas, é essencial para o desenvolvimento emocional e social saudável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo desta pesquisa – compreender como o momento da troca de fraldas e o modo como é conduzida influencia o desenvolvimento infantil, considerando o papel dos educadores nesse processo, tendo como base as reflexões da pesquisa bibliográfica e os resultados apresentados do questionário coletado,

observa-se que os educadores desempenham um papel fundamental nesse momento. A troca de fraldas, quando realizada com maestria, tem implicações profundas para o desenvolvimento infantil e para a construção de um vínculo seguro entre a criança e o cuidador. Esse momento, se conduzido de forma calma, gentil e presente, oferece à criança uma experiência emocional enriquecedora que vai além do simples ato de higiene.

O questionário evidencia que há carência significativa de estudos e abordagens sobre esse tema na graduação. Essa lacuna mostra a necessidade urgente de incluir o conhecimento sobre práticas de cuidado infantil como parte essencial da formação docente. A integração desse conhecimento mais aprofundado nos currículos acadêmicos é fundamental para que futuros profissionais compreendam a seriedade e importância do momento da troca de fraldas como uma oportunidade de interação significativa e promotora de desenvolvimento. O acesso a essa formação enriqueceria não apenas a prática profissional, mas também a qualidade dos cuidados oferecidos às crianças, contribuindo para um desenvolvimento integral, oportunizando um autoconhecimento e respeito pelo corpo.

A abordagem Pikler destaca a importância de transformar cada momento de cuidado em um tempo de qualidade, promovendo não apenas o bem-estar físico, mas também o desenvolvimento emocional e relacional da criança. Ao sentir-se valorizada e emocionalmente atendida durante essa interação, a criança começa a internalizar fatores que contribuem para seu desenvolvimento saudável e para a criação de um apego seguro e prevenção de abusos. Essa base emocional é essencial para que, com o tempo, a criança possa explorar e brincar de forma autônoma e confiante.

Esse processo, porém, não é simples. Requer treinamento, observação, atenção, prática constante, autorreflexão e colaboração entre os membros da equipe. É necessário que a rede pedagógica da escola reconheça esse momento também como pedagógico e assim compreenda o tempo destinado para isso com espaços adequados. Dessa forma, a prática cuidadosa e reflexiva, fundamentada na arte do cuidado, deve ser reconhecida, estudada e incentivada como uma abordagem indispensável no ambiente de desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

DAVID, Myriam; APPELL, Geneviève. **Maternagem insólita**. Tradução de Carmen Orofino, Karina Recktenvald, Rita de Moraes Valdanini e Sylvia Nabinger. São Paulo: Lumen, 2020.

DEYNOOT-SCHAUB, M. G.; RIKSEN-WALRAVEN, J. M. Peer interaction in child care centres at 15 and 23 months: stability and links with children's socio-emotional adjustment. **Infant Behavior Development**, Amsterdam, Holanda, v. 29, n. 2, p. 276-288, 2006.

DUMONT, Érica; SILVA, Isabel Oliveira. O cuidado na família: 'trabalho-castigo' ou transmissão de saberes? Relações de gênero e histórias de vida de trabalhadoras técnicas de enfermagem. VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho: O Trabalho no Século XXI - Mudanças, Impactos e Perspectivas, **Anais...**, São Paulo, 2013. Disponível em: http://congressoalast.com/?page_id=518. Acesso em nov. 2024.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos**: a experiência Pikler-Lóczy. São Paulo: Lumen, 2004.

FREITAS, L. B. L.; SHELTON, T. L. Atenção à primeira infância nos EUA e no Brasil.

Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 21, n. 2, p. 197-205, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3OjUp6r>. Acesso em nov. 2024.

FREITAS, L. B. L.; SHELTON, T. L. Parcerias pais-profissionais no cuidado e educação de crianças pequenas nos Estados Unidos e no Brasil. **Revista Interamericana de Psiquiatria**, v. 39, n. 3, p. 369-374, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3OjUp6r>. Acesso em nov. 2024.

GABRIEL, Marília. **Contribuições de um programa de acompanhamento baseado na abordagem pikleriana para a promoção da qualidade das interações educadora-bebê**. Tese. 170 f. Doutorado em Psicologia. 2016. UFRGS: Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/496pe8g>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GONZALEZ-MENA, Janet; WIDMEYER EYER, Dianne. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche**. 9. ed. [s.l.]: AMGH Editora, 2014.

LA TAILLE, Y. Prefácio. *In*: PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 5-9.

LA TAILLE, Y. O lugar da interação social na concepção de Piaget. *In*: YVES, H.; OLIVEIRA, M. K. (ed.). **Vygotsky e Wallon: teorias genéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992, p. 11-22.

LEITE, Artur Alexandre; SILVA, Marcos. Um estudo bibliográfico da teoria psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação. **Debates em Educação**, v. 11, ed. 23, 2019. DOI: <https://encurtador.com.br/Vqpg2>. Acesso em nov. 2024.

MARLEN, Dorothy. Nurturing trust. Site. **Rede Pikler Brasil**, agosto de 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Q5pDb>. Acesso em nov. 2024.

MARQUES SILVA, C. *et al.* **Relação mãe e bebê no desenvolvimento infantil sob a perspectiva winnicotiana**. [s.l.], s.d., p. 1-15.

MARTINEZ, S. Cuidados, vida cotidiana y psiquismo. **In-fan-cia**, v. 147, [s.d.].

NELSEN, J. **Disciplina positiva para crianças de 0 a 3 anos: como criar filhos confiantes e capazes**. Tradução de Bete P. Rodrigues e Fernanda Lee. São Paulo: Manole, 2018.

PENA, Érica Dumont. **Cuidar: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da Educação Infantil**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

POLLI, Rodrigo Gabbi. **E o bebê? A função de cuidar na perspectiva das educadoras de berçário**. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

POTT, Eveline. Perspectivas sobre a infância em debate: contribuições de Piaget, Vigotski e Wallon. **Perspectivas em Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 75-93, 2019. DOI: <https://encurtador.com.br/qVluw>. Acesso em nov. 2024.

RAMIRES, Vera Regina; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 25-33, 2010. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9SgWL>. Acesso em nov. 2024.

RECKTENVALD, Karina. **Troca de fraldas: uma inspiração pikleriana**. Curso online, abril de 2024.

SERRALHA, Conceição Aparecida. O espaço potencial: da origem à evolução. **Estilos Clínicos**, v. 24, n. 1, p. 157-172, 2019. DOI: <https://encurtador.com.br/R6jDw>. Acesso

em nov. 24.

SOARES, S. **Vínculo, movimento e autonomia**: educação até 3 anos. 1. ed. São Paulo: Omnisciencia, 2017.

VITTA, F. C. F.; EMMEL, M. L. G. A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário. **Paidéia**, v. 14, p. 177-189, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200007>. Acesso em nov. 024.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.